

“OS FRIOS ESPAÇOS DA SEMÂNTICA EXALAM UM SUJEITO ARDENTE”¹

Mônica G. ZOPPI-FONTANA
Universidade Estadual de Campinas

*A Eni Orlandi e a Luziano Lima,
sujeitos ardentes.*

Este meu texto percorre o livro *Les Vérités de la Palice. Linguistique, Semantique, Philosophie*, de 1975, que foi traduzido e publicado em português em 1988 com o título *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do Óbvio*.²

Dos vários textos de Michel Pêcheux, é o meu preferido. Difícil dizer por que. Talvez, pelo desafio que me impõe a cada nova leitura, pela riqueza inesgotável do texto, pela originalidade da reflexão teórica, pela força da crítica epistemológica, pela desterritorialização inquieta das fronteiras disciplinares. Talvez, pela honestidade intelectual com que (se) expõe a (auto)crítica, pela urgência combatente que transpira a teoria, pelo testemunho explícito de uma prática coletiva de produção de conhecimento. Ou talvez seja porque é um texto que resiste, mais intensamente que outros, a qualquer tentativa de leitura definitiva ou totalizante. Talvez, simplesmente, eu seja capturada pela escrita, ao mesmo tempo conceitualmente precisa e ironicamente cúmplice.

Seja como for, aqui estou, lendo e relendo o texto, tentando decidir um caminho para percorrê-lo mais uma vez. Hoje, juntos.

Poderíamos começar pelas ressonâncias que sua publicação provocou na conjuntura intelectual e política da época.

Tomemos três resenhas que apareceram em 1976 e 1980 sobre o livro, cujos lugares de publicação já testemunham o efeito do texto nos diversos públicos aos quais Pêcheux se dirige explicitamente:

¹ Tradução na edição brasileira (1988:30) de uma frase contida no original francês do livro *Les Vérités de la Palice* : “Les froids espaces de la sémantique recèlent un sujet brûlant” (Pêcheux, 1975:27).

² Tradução de Eni Orlandi et alii. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.

1. uma publicada no *JOURNAL DE PSYCHOLOGIE NORMALE ET PATHOLOGIQUE* (1976)
2. outra publicada na *REVUE PHILOSOPHIQUE DE LA FRANCE ET DE L'ÉTRANGER* (1976)
3. a terceira publicada na *REVUE PHILOSOPHIQUE DE LOUVAIN* (1980), na seção da revista destinada às publicações recentes em Filosofia das Ciências, Epistemologia e Lógica.

A esta lista podemos acrescentar um artigo de autoria de J. Guilhaumou e D. Maldidier publicado na revista *DIALECTIQUES*, em 1979, dentro de um dossiê especial que leva por título *Lingüística crescimento zero*, e o artigo publicado por Mark Cousins e Athar Hussain na revista *THE SOCIOLOGICAL REVIEW*, em 1986, após o lançamento da tradução ao inglês *Language, Semantics and ideology* (1982) de *Les Vérités de la Palice*³. A leitura destas resenhas nos permite tecer algumas considerações sobre o impacto do livro de Pêcheux nos seus contemporâneos.⁴

No campo da Psicologia, o autor da resenha publicada no *JOURNAL DE PSYCHOLOGIE NORMALE ET PATHOLOGIQUE* (1976), Frédéric François, aponta para o alcance epistemológico amplo e crítico do livro, e, após fazer uma apresentação sumária e favorável ao texto, tematizando a questão da semântica e seus avatares enquanto campo de conhecimento, destaca os percursos teóricos pelos quais Pêcheux propõe pensar “a gênese ideológica do sujeito”. Na sua leitura do livro, o autor chama a atenção para “as condições de funcionamento da ideologia burguesa e sua forma de interpelar os indivíduos em sujeitos livres, com todas as manipulações psicossociais que nos rodeiam”⁵. Da resenha, retenhamos esta última frase, que interpreta o funcionamento da língua na interpelação ideológica como um conjunto de “manipulações psicossociais que nos rodeiam”.

³ Agradeço a Vera Regina Martins e Silva (UNEMAT) por ter facilitado o acesso aos textos que aqui se comentam.

⁴ Não havendo indicação em contrário, as traduções dos fragmentos doravante citados são minhas.

⁵ “[...] les conditions de fonctionnement de l'idéologie de la bourgeoisie et sa façon <d'interpeleler les individus en sujets libres>, avec toutes les manipulations psychosociales qui nous entourent ».

Paradoxal e irônica leitura para o texto mais orgânico⁶ de quem orientou sua prática científica no sentido de produzir uma rachadura profunda nos alicerces bem fincados da Psicologia Social! Frase reveladora que sinaliza o desconhecimento⁷ necessário que perpassou os círculos intelectuais da época em relação a incisiva proposta teórica e política que o livro de Pêcheux propunha. Incompreensão constitutiva que posiciona epistemologicamente o campo da Psicologia Social nas antípodas de uma escrita forte que corrõe conceitualmente seus fundamentos.

No campo da Filosofia, se instala um debate entre posições contrárias, dentro do qual o desconhecimento ideológico se traveste de objetividade. Por um lado, encontramos uma posição, presente na resenha de Jean-Marc Gabaude publicada na *REVUE PHILOSOPHIQUE DE LOUVAIN* (1980), que saúda o livro de Pêcheux enquanto reflexão inovadora que avança uma série de hipóteses que permitem “passar ao materialismo” e analisar althusserianamente a problemática da produção de sentido, demonstrando a natureza paradoxal da semântica, definida como “ponto nodal onde se condensam as contradições que organizam hoje a lingüística nas suas diversas tendências”.⁸

Por outro lado, encontramos uma posição contrária, defendida na resenha de André Reix publicada na *REVUE PHILOSOPHIQUE DE LA FRANCE ET DE L'ÉTRANGER* (1976), que conclui que “a pesar das brilhantes discussões, M. Pêcheux corre o risco de converter somente aos crentes”, entre outras razões por não demonstrar a tese segundo a qual “as pesquisas neste domínio [da semântica] estão subordinadas a uma questão prévia de natureza ao mesmo tempo teórica e política”. Conforme o autor da resenha, é justamente “isto que é necessário demonstrar”⁹, juntamente com a afirmação de que “a semântica tem a

⁶ Conforme Malidier (1990/2003), *Les Vérités de la Palice* constitui, no trajeto teórico de M. Pêcheux, “o grande momento de ordenação dos conceitos”.

⁷ No sentido de “méconnaissance”, isto é, de efeito ideológico de desconhecimento, conforme definido por Pêcheux (1975/1988:32).

⁸ La sémantique qui, au même titre que phonologie, morphologie et syntaxe, se prétend *partie de la linguistique* et, comme telle, *science*, constitue plutôt le *point nodal* où se condensent les *contradictions* organisant aujourd’hui la linguistique dans ses diverses tendances.

⁹ Na sua versão original em francês é possível perceber um forte tom irônico perpassando todo o texto da resenha, em especial no fragmento que comentamos: “Les recherches en ce domaine sont donc <subordonnés à une question préalable

ver com a filosofia”. Retenhamos esta última frase, porque nela vemos refletidos os traços de uma abordagem neopositivista da ciência que reduz uma tomada de posição epistemológica (pelo materialismo histórico) a uma questão técnica de metodologia e escrita científicas (procedimentos de demonstração e falsificação de hipóteses). Vemos, também, a impossibilidade para esse lugar epistemológico (do neopositivismo) de pensar dialeticamente a contradição que constitui os objetos de conhecimento das ciências sociais e humanas em geral, e da semântica em particular, impossibilidade que leva a rejeitar uma teoria cuja escrita foge das malhas redutoras do dilema lógico (disjunção exclusiva *ou...ou*) e afirma corajosamente a natureza *teórica e política* de seus objetos.

No campo da Sociologia encontramos, como comentário à versão em inglês do livro, algumas afirmações que nos interessa reter; os autores Cousins e Hussain (1986) iniciam seu artigo afirmando que:

“Teorias marxistas da ideologia se movem em profunda conformidade com as linhas dominantes de pensamento da Sociologia. A sociedade é concebida como um objeto de tipo especial, de um tipo tal que a diferencia estritamente de outros objetos. Um elemento deste seu caráter especial é o fato de que a sociedade funciona como uma unidade coerente e deve ser portanto concebida como tal. Uma condição constitutiva e fundadora deste objeto é ser concebido como produto de dois elementos: agenciamento e estrutura. Tomada em conjunto a ação do agenciamento e da estrutura um sobre outro se produz a sociedade. Para conhecer isto, para conhecer como a sociedade é produzida desta forma, há um tipo apropriado de conhecimento: as ciências sociais. Este conhecimento é um conhecimento ao mesmo tempo de objetos e causas.” (p.158-9)¹⁰

de nature à la fois théorique et politique>. Ce qu’il faut démontrer. Secondement, et par voie de conséquence, affirme M. Pêcheux, <la sémantique a affaire à la philosophie>. De brûlants problèmes sont visiblement en jeu qui, par le biais de quelques hypothèses, permettront de <passer au matérialisme>”. As aspas que destacam no texto as formulações citadas do livro de Pêcheux sinalizam para nós, analistas, as fronteiras desenhadas imaginariamente pelo autor da resenha para se proteger do discurso adversário que o assombra.

¹⁰ Marxist theories of ideology move in profound conformity with the dominant lines of thought within sociology. Society is conceived as an object of a special type, a type strictly distinguished from other objects. One element of its special character is that it functions as a coherent entity and must be conceived in that light. An enduring and constitutive condition of this object is that it is conceived as the product of two elements – agency and structure. Taken together the action of agency and structure upon each other produce society. But to know this, to know how society is produced in this

Estas são as evidências com que começa um artigo que, por outra parte, consegue apresentar com justeza o texto de Pêcheux e sua reflexão sobre os mecanismos de interpelação do sujeito e de constituição do sentido. Evidências contra as quais Pêcheux elabora os conceitos da Teoria do Discurso, justamente para desmontar teoricamente as interpretações que levam a descrever a sociedade como “uma unidade coerente”. Na linha althusseriana, Pêcheux rejeita a tese de que a sociedade “é um objeto de tipo especial”, assim como rejeita as descrições que a consideram um organismo (um todo orgânico) ou um conjunto ordenado de indivíduos (o resultado da somatória dos indivíduos que a compõem). É esta posição materialista na teoria que permanece incompreendida nas resenhas produzidas, também no campo da Sociologia.

Este rápido percurso pelas leituras feitas na época sobre *Les Vérités de la Palice* nos permite aproximarnos ao livro de Pêcheux a partir de algumas constatações.

Sua reflexão, que conforme indicado no subtítulo da versão original em francês, percorre os campos disciplinares da Lingüística, da Semântica e da Filosofia, produziu pouco impacto no domínio dos estudos lingüísticos da época, mas ressoou de diversas maneiras nos domínios da Filosofia, das Ciências Sociais, da Psicologia¹¹. Porém, essas ressonâncias retomam todas um mesmo ponto inicial a partir do qual produzem diversos efeitos de leitura; esse ponto de partida consiste nas análises lógico-semânticas e na crítica teórica e epistemológica ao campo da Semântica desenvolvida por Pêcheux no seu livro. É por apresentar uma reflexão sobre o sentido e sobre as regiões de conhecimento que constituem o sentido como seu objeto de conhecimento que filósofos, psicólogos e sociólogos respondem de diversas maneiras à provocação teórica lançada por Pêcheux no

way, a special type of knowledge is appropriate – the social sciences. Such a knowledge is both a knowledge of objects and causes [...].

¹¹ Guilhaumou & Malidier (1979:7) descrevem o início da Análise do Discurso em 1969 da seguinte maneira: “Une nouvelle discipline, *l’analyse du discours* devait dès lors se constituer. Elle s’assignait un champ à la limite de la Linguistique et de l’Histoire. Cela n’allait pas sans résistances : linguistes, historiens et sociologues refusaient de lui céder du terrain...Aujourd’hui il apparaît plus clairement que l’analyse du discours, en se constituant, a empiété sur des domaines aussi divers que l’analyse de contenu, l’histoire des idées, la psychologie sociale, la sémiotique, voire la psychanalyse ».

seu livro. É fácil conferir esta convergência se olharmos a frase inicial dessas resenhas:

“A semântica se pretende uma ciência. Mas ela é hoje uma outra coisa: o ponto nodal onde se condensam as contradições que assombram a lingüística atual. Assim declara o autor, que como bom discípulo de Althusser, revela dentro deste ramo do saber extensões singulares em direção à lógica, certamente, mas também à retórica e a teoria científica da propaganda”. (Revue de Philosophie de la France et de l'étranger, p.104)¹²

“O subtítulo do livro oferece uma idéia da amplitude do campo de questões visadas. O autor quer inicialmente precisar o que se deve entender por semântica para assim criticar as evidências ideológicas subjacentes às análises lingüísticas tradicionais. Depois propõe uma análise marxista do funcionamento da ideologia e das práticas discursivas”.(*Journal de Psychologie normale et pathologique*, p.490)¹³

“Eis aqui uma análise althusseriana da semântica, que critica tanto o idealismo metafísico quanto o empirismo e formalismo aliados no neopositivismo, e que ademais denuncia a reinscrição deste último em um materialismo histórico desviado em humanismo”. (*Revue de Philosophie de Louvain*, 159)¹⁴

¹² « La sémantique se prétend une science. Elle est aujourd'hui tout autre chose : le point nodal où se condensent les contradictions qui hantent la linguistique actuelle ». Ainsi annonce l'A. qui, en bon disciple d'Althusser, décèle dans cette branche du savoir de singulières extensions en direction de la logique, certes, mais aussi de la rhétorique et de la théorie scientifique de la propagande.

¹³ Le sous-titre du livre donne une idée de l'ampleur du champ des questions envisagé. L'auteur veut d'abord préciser ce qu'on doit entendre par sémantique, et dans cette visée critiquer des évidences idéologiques sous-jacentes aux analyses linguistiques traditionnelles. Puis proposer une analyse marxiste du fonctionnement de l'idéologie et des pratiques discursives. Enfin, mettre en place idéologie et, d'une part rationalité scientifique, de l'autre pratique politique prolétarienne.

¹⁴ Voici une analyse althusserienne de la sémantique, critiquant tant l'idéalisme métaphysique qu'empirisme et formalisme alliés dans le néo-positivisme et, en outre, dénonçant la réinscription de ce dernier dans un matérialisme historique dévié en humanisme.

O que a Semântica, e mais amplamente, a questão do sentido, tal como pensados por Pêcheux, convocam nesses outros espaços de produção de conhecimento?

Voltemos agora ao texto de Pêcheux para tentar alguma resposta.

Após uma nota prévia onde se descrevem os campos de questões da Semiótica, da Semântica e da Semiologia, Pêcheux inicia o primeiro capítulo do livro *Les Vérités de la Palice* se interrogando sobre as relações entre Estado e movimento operário nas sociedades socialistas existentes. É a partir dessa análise da conjuntura política e da necessidade de desenvolver uma reflexão crítica sobre o estalinismo que se introduz no texto a questão da semântica. Citando Pêcheux (1975:17):

“Em suma, o ressurgimento das pesquisas semânticas à luz do marxismo é contemporâneo ao XX Congresso do PCUS e, também, ao começo da, assim chamada, era “informática e espacial”. Desde essa reabilitação, o tempo passou e, tanto no Leste como no Oeste, os estudos nesse domínio se multiplicaram”.

Assim, para “julgar sobre fatos”, como diz o próprio Pêcheux, ele vai proceder a uma análise de textos de semanticistas, filósofos e lógicos para desnaturalizar as evidências que fazem da Semântica uma disciplina científica complexa e moderna, reconhecida como um ramo da Lingüística. Começando pelo texto de Adam Shaff, Pêcheux resume a lista de evidências que habitam o campo e que se encontram modelarmente representadas no autor russo:

- 1- *há coisas (“objetos” e “processos materiais”) e “pessoas”, sujeitos dotados da intenção de comunicar (“nós comunicamos por meio de”...)*
- 2- *há objetos que se tornam signos, isto é, que remetem a outros objetos, pelo “processo social da semiose”*
- 3- *há enfim as ciências humanas, que têm cada uma o que dizer sobre a linguagem e a fala, formando um verdadeiro entroncamento interdisciplinar.(Pêcheux, 1975/1988:19)*

Pêcheux vai acompanhar o trajeto percorrido por essas evidências na história do pensamento lógico-filosófico ocidental e, para isso, vai utilizar como observatório uma estrutura lingüística: a oposição entre “aposição explicativa” e “determinação”, em particular no caso das construções relativas do tipo “o homem que é racional é livre”, exemplo analisado no texto “Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français” de 1979, onde o autor propõe duas interpretações possíveis:

- Todo homem, sendo racional, é, portanto, livre;
- Somente os homens racionais são livres.¹⁵

O interesse das subordinadas relativas adjetivas para a Teoria do Discurso se encontra justamente no fato desta estrutura dar lugar, como já vimos, a pelo menos duas interpretações semânticas cuja pertinência enquanto leitura apropriada da frase não pode ser decidida exclusivamente por critérios gramaticais, permitindo observar, desta maneira, os efeitos dos processos discursivos sobre o funcionamento da sintaxe¹⁶. Por outro lado, a essa oposição formal se acrescenta uma série de oposições conceituais que funcionam como grade interpretativa do funcionamento dessa forma lingüística. Nas palavras de Pêcheux, descrito por Malidier (1990/2003) como “um filósofo inquieto com a lingüística”:

“[essa oposição lingüística] chama, irresistivelmente, para a reflexão lingüística, considerações sobre a relação entre objeto e propriedades do objeto, entre necessidade e contingência, entre objetividade e subjetividade, etc. que formam um verdadeiro balê filosófico em torno da dualidade Lógica/Retórica”. (Pêcheux, 1975/88:28)

¹⁵ Pêcheux (1979/1990: 275) conclui, em relação ao exemplo comentado: “Le choix entre les deux interprétations n’est évidemment pas de nature linguistique. Il en va de même, à plus forte raison, dans le cas des discours politiques ».

¹⁶ Observamos a impossibilidade de discernir gramaticalmente a interpretação adequada no seguinte exemplo, adaptado do texto de Pêcheux já citado (1979/1990): na frase “os sindicatos que defendem os direitos dos trabalhadores apoiarão a greve”, a subordinada relativa adjetiva pode ser interpretada, conforme a posição de sujeito na qual se inscreve o leitor, tanto como determinativa/restritiva (“só os sindicatos que se alinham com os trabalhadores”, o que supõe a existência de sindicatos pelegos), quanto como explicativa/apositiva (“todos os sindicatos”, dado que a defesa do direito dos trabalhadores seria uma propriedade essencial e constitutiva da definição dos sindicatos).

Perseguir esses pares no texto de Pêcheux e descrever a maneira como o autor analisa as evidências filosóficas e ideológicas que os sustentam ultrapassa em muito o tempo reduzido desta apresentação.

Apenas vou trazer a citação de um fragmento do primeiro capítulo de *Les Vérités de la Palice* para iniciar um percurso por outros textos de Pêcheux e poder retomar, assim, a análise das frases que retivemos das resenhas já comentadas.

Começo, então, por uma questão colocada ironicamente nesse primeiro capítulo. Após uma análise sumária das práticas teóricas e políticas da esquerda da época, sobretudo nos países socialistas, e de uma revisão crítica das evidências que perpassam as análises semânticas propostas por autores como A. Schaff, N. Chomsky, P. Kiparsky, a Filosofia Analítica da Escola de Oxford e a Sociolinguística (através de W. Labov, U. Weinrich), M. Pêcheux conclui:

“Uma questão teórica, portanto, que procuraremos apreender tanto em seu desenvolvimento filosófico quanto nas suas repercussões lingüísticas; mas veremos que essa questão é também, diretamente, uma questão política: o fato de que Lênin se tenha preocupado, em seu tempo, em intervir na questão do empiriocriticismo constitui, a esse respeito, um primeiro índice. As condições políticas através das quais o marxismo contemporâneo tem, entre outras coisas, se encontrado com a “semântica” – a saber, como dissemos, o XX Congresso do PCUS e o início da era “atômica e espacial” – constitui um outro índice; os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente”. (Pêcheux, 1975/1988:30; grifos do autor)

Logo a seguir, Pêcheux alerta o leitor da seguinte maneira:

“A propósito, uma observação de passagem, que o leitor poderá guardar num canto de sua cabeça ao longo do “desvio” dos dois primeiros capítulos: os semanticistas se utilizam de bom grado, como veremos, de classificações dicotômicas do tipo abstrato/concreto, animado/não animado, humano/não humano, etc., que, se fossem aplicadas exaustivamente até o limite máximo, constituiriam uma espécie de história natural do universo:

- *por exemplo, uma cadeira seria, segundo J. Katz, caracterizada pelos seguintes traços: (objeto) – (físico) –*

- (não animado) – (artificial) – (portátil) – (com pés) – (com encosto) – (com assento) – (para uma pessoa);*
- *da mesma forma, um solteiro será caracterizado como (físico) – (animado) – (adulto) – (masculino) – (não casado), o que autoriza a “tirada” à La Palice (aliás bastante suspeita) que faz com que, se alguém não é casado, é porque é solteiro;*
 - *mas suponhamos que se queira abordar, por meio dessa classificação, realidades tão estranhas quanto a história, ou as massas, ou ainda a classe operária... O que dirá o semanticista? Trata-se de objetos, ou de coisas? Ou de sujeitos, humanos ou não-humanos? Ou de coleções de sujeitos?*
- Gozado como a máquina de classificar de repente se enrola... No entanto, ela funcionava com respeito a pessoas e coisas! Será que, por acaso, para funcionar, ela tem necessidade do espaço universal abstrato do direito tal como o modo de produção capitalista o produziu? [...]*
- Em todo caso, o leitor já deve estar agora com a pulga atrás da orelha, e se além disso, leu um dos recentes textos publicados por Althusser¹⁷, sabe então que, apesar de ele nunca ter falado de “Semântica”, nesse texto é levantada a questão de saber se, a exemplo do homem (com h minúsculo ou maiúsculo), a história, as massas, a classe operária são ou não sujeitos, com todas as consequências que daí resultam...”(op.cit.:30-31; grifos do autor)*

Assim, de forma singela e incisiva, Pêcheux coloca a pulga atrás da orelha dos vários leitores com os que dialoga no seu texto:

- do semanticista, ao alertar sobre a perversa banalidade de seus quadros classificatórios;
- do filósofo, ao colocar em questão a oposição dicotômica, instável e não evidente, entre sujeito/objeto;
- do sociólogo, ao lembrar do funcionamento do aparelho jurídico na organização do real e de sua representação imaginária;
- do militante, ao chamar a atenção para os processos de identificação/subjetivação na prática política;
- do lingüista, ao mostrar o equívoco inerente a toda nomeação e o funcionamento tendencial da interpretação.

¹⁷ « Idéologie et Appareils idéologiques d’Etat », em *LA PENSÉE*, nº 151, 1970 ; p.3-38.

Leitores todos para o quais se revelam, sob a simulação de um campo de questões próprio da Semântica, *problemas teorica e politicamente ardentes*¹⁸.

Nos capítulos do livro dedicados ao estudo dos trabalhos de Frege que descrevem o funcionamento da nomeação¹⁹, Pêcheux volta a abordar esse problema. Conforme Malidier (1990/2003):

“É por uma (re)leitura materialista de Frege que Michel Pêcheux empreende (re)trabalhar a questão lógico-lingüística das relativas...Esta leitura desemboca na análise de dois funcionamentos: o pré-construído e a articulação dos enunciados. Estas noções chaves permitem passar do terreno lógico-lingüístico ao da teoria do discurso...Apreendemos como o pré-construído pode articular ao mesmo tempo o efeito de anterioridade ou de distância e o efeito de identificação ou de reconhecimento. A releitura de Frege faz também voltar a política. A questão de Frege sobre a denotação da expressão a “vontade do povo” faz parte dessas questões obsidianas que estimulam o pensamento de Michel Pêcheux. Uma questão que conjuga nele o amor à língua e à política”. (Malidier, 1990/2003:47).

Nesses capítulos²⁰, Pêcheux desenvolve uma reflexão crítica sobre a oposição nomes próprios/nomes comuns apresentada por Frege, apontando para o equívoco idealista que “impede de ver a função constitutiva e não –derivada, inferida ou construída da metáfora (da metonímia = a França/o rei da França/os Franceses) e correlativamente, leva a ignorar a *eficácia material do imaginário*” (1975/88:119; grifos do autor). Pêcheux avança, ainda, uma hipótese:

“em relação à origem do “equívoco” positivista, que leva a raciocinar “fora da questão”, a partir do momento em que, de uma maneira ou de outra, a política entra em cena: tudo se passa, nesse caso, como se a desconfiança “antimetafísica” se convertesse em cegueira com respeito à seriedade das

¹⁸ Retomamos aqui uma frase presente na quarta capa da edição original francesa : « Sous la sémantique, des problèmes théoriquement et politiquement brûlants sont donc en jeu ». (Pêcheux, 1975: Quarta capa).

¹⁹ Cf. os artigos de G. Frege “Sentido e referência” e “Função e conceito”, publicados em *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.

²⁰ Cap. 2 “Determinação, formação do nome e encaixe” e cap.3 “Articulação de enunciados, implicação de propriedades, efeito de sustentação” da II Parte “Da Filosofia da Linguagem à Teoria do discurso”.

metáforas e sua eficácia; nem por um instante aparece a idéia de que, para que Dupont pertença ao “conjunto dos franceses”, é necessário que ele seja produzido como francês, o que supõe a existência eficaz não de “Marianne”, mas da “França” e de suas instituições políticas e jurídicas” (1975/88:118-9; grifos do autor)

Vemos, então, como, para Pêcheux, a questão do sentido está *sempre já* constitutivamente ligada à questão do sujeito do discurso e como ambas as questões têm, de forma inseparável, um estatuto teórico e político ao mesmo tempo. Assim, o autor adianta, neste capítulo, o que será uma das teses principais do livro, a da figura da interpelação ideológica e seu funcionamento na produção do sentido e do sujeito no discurso.

“Adiantaremos, neste momento, a idéia de que o que está em jogo é a identificação pela qual todo sujeito “se reconhece” como homem, ou também como operário, empregado, funcionário, chefe, etc. ou ainda como turco, francês, alemão, etc. e como é organizada sua relação com aquilo que o representa”. (1975/88:117; grifos do autor)

É a partir destas questões que o autor define o objetivo do livro como “uma abordagem teórica materialista do *funcionamento das representações e do “pensamento” nos processos discursivos*” (grifos do autor), o que supõe “uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (Pêcheux, 1975/1988:125)²¹.

A questão está, pois, colocada: como trabalhar na descrição e análise de realidades complexas com o quadro interpretativo da Semântica Lingüística (e poderíamos acrescentar da Sociologia, da Psicologia Social, da Lógica), dicotômico, oposicional, configurado na forma de dilema lógico-lingüístico (disjunção exclusiva *ou...ou*) que impede qualquer abordagem dialética que faça trabalhar as contradições que fundam essas oposições? Quais são as evidências na Lógica e na Lingüística que suportam materialmente essa oposição? Quais os

efeitos dessa oposição sobre a análise semântica das formas lingüísticas? Quais os efeitos sobre a reflexão filosófica? Quais os efeitos sobre a prática política?

Essas questões, trabalhadas no livro *Les Vérités de la Palice* (conforme mostramos), são tematizadas, também, em um artigo de Pêcheux publicado em inglês em 1978 com o título: *São as massas um objeto inanimado?*²²

Nesse texto o autor afirma:

“O que se chama geralmente de pensamento moderno está marcado por uma oposição entre pessoa e coisa, seja no nível jurídico onde aparece como uma distinção entre contrato e propriedade; seja no nível filosófico, entre sujeito e objeto; seja no nível moral, entre intencional e não intencional. Esta oposição jogou sempre um papel importante na análise lógico-filosófica da linguagem e é central hoje na lingüística atual para qualquer discussão de semântica. [...] Podemos citar muitos exemplos em diferentes correntes da lingüística moderna para mostrar como esta distinção aparece semanticamente como auto-evidente nas reflexões que tangem a lógica, o direito, a tecnologia ou a sociologia. Neste capítulo, vou mostrar e defender uma tese que vou colocar inicialmente na sua forma negativa: O par semântico pessoa/coisa que se aplica sem nenhum problema aos enunciados da vida cotidiana, não é de forma alguma apropriado para a política no sentido não burguês do termo, i.e. para a política das massas.

Falar das massas, de transformação política e de revolução – em outras palavras, de história – em termos de pessoas e coisas, sujeitos e objetos, intenções e estado de coisas, como se fossem distinções do sentido comum que se refletem de forma não ambígua na linguagem, é perder completamente a natureza essencialmente ideológica do discurso e do sentido (Pêcheux, 1978:251-252; grifos do autor).

[...] A conclusão que pode ser tirada é que não existe uma leitura objetiva de textos políticos porque não existe um

²¹ Cf. o trabalho de Ana Zandwais apresentado junto com este meu texto no mesmo painel do I SEAD (Porto Alegre, novembro de 2003) e publicado neste volume. Cf. também Indursky (2000), Orlandi (2001) e Zoppi-Fontana (2002).

²² Observe-se que o artigo “Are the masses an inanimate object?” aparece em uma coletânea de artigos organizada por David Sankoff com o título de *Linguistic Variation*, publicada em Nova York pela Academic Press. A inclusão do texto de Pêcheux, fortemente crítico às teorias sociológicas, no seio de um livro dedicado a estudos de Sociolingüística, permite compreender o caráter polêmico das intervenções do nosso autor no campo da Linguística e seus efeitos de interferência teórica e política.

*entendimento do senso comum em política. Nenhuma semântica universal será capaz de fixar o que se deve entender por **planejamento, transformação política, reforma radical, ação de governo**, etc. porque as palavras, expressões e enunciados mudam de sentido de acordo com a posição de onde são proferidas. Isto constitui a forma positiva da tese que levantei na introdução. Somos assim removidos para longe da transparência da distinção entre pessoa e coisa, sujeito e objeto, intenção e não-intenção, precisamente porque a história, isto é, a luta de classes, não é uma pessoa nem uma coisa; as contradições da luta de classes atravessam e organizam o discurso sem jamais serem claramente resolvidas” (op.cit.: 266; grifos do autor)²³.*

Nestes curtos fragmentos mostra-se com clareza a complexidade do pensamento de Pêcheux, que desenvolve, ao mesmo tempo, uma crítica teórica aos métodos de descrição semântica; uma crítica epistemológica ao fechamento do campo disciplinar da lingüística e à configuração das filosofias espontâneas que habitam as ciências sociais e humanas; e, também, uma reflexão sobre as descontinuidades teóricas e epistemológicas que poderiam intervir/possibilitar uma prática política proletária.

Neste sentido, é importante lembrar que, conforme Pêcheux, uma teoria materialista dos processos discursivos deve não só denunciar as evidências que constituem a filosofia espontânea das práticas científicas de cunho idealista, mas deve, também, construir suas próprias categorias conceituais para poder intervir na luta teórica (propondo uma descrição/interpretação materialista do

²³ What was generally called modern thought is marked by an opposition between person and thing, be it at the juridical level where it appears as a distinction between contract and property; at a philosophical level, between subject and object; or at a moral level, between the intentional and the nonintentional. This opposition has always played an important role in the logico-philosophical analysis of language, and in linguistics today it is central to any discussion of semantics [...] We could cite many examples in different currents of modern linguistics to show how this distinction appears semantically self-evident in reflections touching on logic, law, technology, or sociology. In this chapter, I will illustrate and defend a thesis, which I will state first in a negative form: *The semantic pair person/thing which applies without any obvious problem to utterances of everyday life, is not at all appropriate to politics in the nonbourgeois sense of the term, to the politics of the masses.* To speak of the masses, of political change, and of revolution –in other words of history- in terms of persons and things, subjects and objects, intentions and the state of things, as common sense, transparent distinctions which are necessarily reflected unambiguously in language, is to miss completely the essential ideological nature of discourse and meaning. [...] The conclusion to be drawn from this exercise is that there is no objective reading of a political text because there is no common sense understanding in politics. No universal semantics will ever be able to fix what should be understood by **planning, political change, radical reform, government action**, and so on because words, expressions, and utterances change their sense according to the position from which they are uttered. We are far removed from the transparency of the distinction between person and thing, subject and object, intention and nonintention, precisely because history, that is to say, the class struggle, is neither a person nor a thing; the contradictions of the class struggle run through and organized discourse without ever being clearly resolved.

funcionamento simbólico das práticas sociais e políticas) e na luta política (fornecendo elementos para compreender e, portanto, interferir nos processos de identificação/subjetivação que constituem os sujeitos coletivos das práticas políticas proletárias)²⁴.

Nessa mesma direção, no artigo *São as massas um objeto inanimado?*, Pêcheux propõe:

“Para conceptualizar a luta de classes, ou as lutas das massas, e para orientar-se (as massas) nessas lutas, a prática política do proletariado deve desembaraçar-se das categorias do economicismo/humanismo e produzir suas próprias categorias (ie. processo, contradição, etc.)” (Pêcheux, 1978: 266)²⁵.

Duas hipóteses, longamente desenvolvidas no livro *Les Vérités de la Palice*, permitem essa construção teórica e política: uma, que diz a respeito da relação língua/ideologia; outra, que diz a respeito da relação ciência/ideologia. Podemos apresentar essas hipóteses, resumidamente, como segue:

1- “As contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que os “processos discursivos” mantêm, necessariamente, entre si, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes” (Pêcheux, 1975/1988:93). Tese da autonomia relativa de língua e da determinação histórica dos processos de produção do sentido, que nos permite compreender o funcionamento da língua na interpelação ideológica através dos efeitos de pré-construído e sustentação/articulação dos enunciados (e, conseqüentemente, analisar o funcionamento das representações

²⁴ “Intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido *pelo* fogo de um trabalho crítico... Essa tomada de partido obriga a discernir as posições que, no campo da batalha filosófica, precisam urgentemente ser abandonadas daquelas posições que, mais do que nunca, é importante ocupar e defender, sob a condição de que sejam ocupadas e defendidas *de um modo diferente*. É uma questão de precisão: a luta filosófica (luta de classes na teoria) é um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser defendida e fortalecida frente ao que se poderia chamar a adversidade no pensamento. E é assomando a essa “linha de maior inclinação” que a filosofia toca especificamente o real” (Pêcheux, 1975/1988: 294)

²⁵ In order to conceptualize the class struggle, or the struggles of the masses, and in order to orient itself in these struggles, the political practice of the proletariat should divest itself of the categories of economicism/humanism and produce its own (e.g., process, contradiction, etc.).

na constituição do sujeito do discurso, ou, como diz Althusser -citado por Pêcheux- compreender como os sujeitos marcham sozinhos, i.e., por si mesmos).

2- Existe uma descontinuidade entre conhecimento científico e efeito ideológico de desconhecimento (méconnaissance) que atravessa a Lingüística e, principalmente, a Semântica, produzindo a ilusão de uma continuidade segundo a qual se organizariam os enunciados da linguagem, estando os enunciados científicos em um extremo e a conversação corriqueira no outro, e considerando-se os primeiros (os enunciados científicos) como resultado dos segundos (o discurso ordinário, a conversação corriqueira), sobre os quais atuariam processos de abstração/universalização. Tese apresentada no livro *Les Vérités de la Palice* através do mito continuísta empírico-subjetivista²⁶, que nos permite compreender o funcionamento do discurso na produção de efeitos de intersubjetividade, consenso/senso comum e universalidade que trabalham imaginariamente a passagem, via identificação, do individual determinado situacionalmente ao universal indeterminado²⁷.

O artigo de J. Guilhaumou & D. Malidier (1979) assinala, indiretamente, esses dois aspectos definitórios da Análise do Discurso defendida por M Pêcheux. No artigo, os autores opõem os trabalhos contemporâneos da Lingüística Social (Marcellesi & Gardin, 1974) e da Semântica da História (Faye, 1972) aos trabalhos da Teoria da Análise do Discurso (Pêcheux e colaboradores de 1969 a 1978) e declaram:

“Uma afirmação de saída: os analistas do discurso de cuja prática vamos falar, questionam os postulados fundamentais da sociolingüística:

- o simples pôr em relação o fato lingüístico e o fato social, a pesquisa de clivagens sociológicas a partir de fatos lingüísticos; resumindo, tudo aquilo que se designa habitualmente como co-variação. Eles tentam ir além desta simples justaposição disciplinar;

²⁶ Cf. Pêcheux (1975/1988: 127): “Pode-se, aliás, constatar que a relação situação/propriedade é inelutavelmente concebida pela Filosofia da Linguagem (que é, como já dissemos, a “filosofia espontânea” da ciência lingüística) de acordo com o *mito continuísta empírico-subjetivista*, que pretende que, a partir do sujeito concreto individual “em situação” (ligado a seus preceitos e a suas noções), se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum, e que pensa por meio de conceitos”.

²⁷ O que nos permite compreender não só o funcionamento dos processos de produção de conhecimento, mas, conforme demonstrei em trabalhos anteriores (Zoppi-Fontana, 1999 e 2003), os processos de exclusão/deslegitimação de identidades coletivas diferenciais ou de transição histórica entre formas-sujeito (Milán-Ramos, 2001).

*eles se interrogam sobre o estatuo da materialidade lingüística dentro da formação social;
- a evidência do modelo da comunicação segundo o qual passa-se gradualmente do fato de que dois individuos em sociedade (se) comunicam necessariamente à comunicação entre grupos sociais. Como se as palavras circulassem para o benefício de uns ou outros sem que seja desvelado o segredo de sua produção” (Guilhaumou & Maldidier, 1979:13; grifos dos autores)²⁸.*

Os autores concluem afirmando que, por importantes que tenham sido as contribuições da Lingüística Social e da Semântica da História para o estudo de afrontamentos particularmente sensíveis -anticomunismo; antisemitismo-, elas não são suficientes. “Poderíamos dizer, junto com Althusser: Este gênero de respostas pragmatistas nos deixa na fome de nossas questões teóricas”²⁹ (Guilhaumou & Maldidier, 1979:16).

É justamente para “não pensar fora de questão” que Pêcheux desenvolve organicamente em *Les Vérités de la Palice* um conjunto bem ordenado de “elementos conceituais” (efeito de pré-construído, efeito de sustentação, discurso transversal, intradiscursivo, formação discursiva, processos discursivos, autonomia relativa da língua, condições de produção, efeito de sentido, processos metafóricos, paráfrase, etc.), organizados em torno dos conceitos-chaves de *interdiscurso* e *forma-sujeito do discurso*. Não é o objetivo desta apresentação desenvolver teoricamente esses conceitos (nem teríamos o tempo necessário para fazê-lo). Remetemos, para tanto, aos textos de Maldidier (1990) e Orlandi (1999). Queremos destacar aqui o papel central e organizador cumprido nessa série de elementos conceituais pelo conceito de Ideologia (com a inicial em maiúscula, significando *Ideologia geral*) e, a partir dele, da figura da interpelação

²⁸ Une affirmation au départ: les analystes du discours dont nous allons parler dans leur pratique, mettent en question les postulats fondamentaux de la sociolinguistique :

- la simple mise en relation entre le fait linguistique et le fait social, la recherche de clivages sociologiques à partir de faits linguistiques, en somme ce qu'on désigne habituellement par la co-variance. Ils tentent d'aller au-delà de cette simple juxta-disciplinarité ; ils s'interrogent sur le statut de la matérialité linguistique dans la formation sociale;

- l'évidence du modèle de communication selon lequel on passe graduellement du fait que deux individus en société communiquent nécessairement à la communication entre groupes sociaux. Comme si les mots *circulaient* au bénéfice de uns ou des autres sans que soit dévoilé le secret de leur production.

²⁹ Nous pouvons dire avec Althusser: « Ce genre de réponse pragmatiste nous laisse sur la faim de notre question théorique ».

ideológica. Este é o diferencial da Teoria e da Análise do Discurso proposta por M. Pêcheux. É no conceito de Ideologia que se articulam as proposições teóricas que descrevem os processos de constituição do sentido e do sujeito no discurso³⁰. É também pelo conceito de Ideologia que Pêcheux inscreve sua Teoria do Discurso no materialismo histórico. É, finalmente, o conceito de Ideologia que serve, até hoje, de divisor de águas entre as diversas abordagens discursivas. Conceito central e maldito, especialmente nos tempos atuais, quando este nosso mundo feliz decidiu enterrar a história decretando a morte das ideologias sob o império das democracias libertadoras!

No seu livro *Les Vérités de la Palice*, Pêcheux comenta o caráter crucial do conceito de Ideologia na sua teoria:

Enquanto categoria filosófica, a Ideologia – distinta de conceitos científicos do materialismo histórico como os de superestrutura ideológica, de formação ideológica, de aparelho ideológico de Estado e de prática ideológica, de ideologia dominante, de relações ideológicas de classe, etc. – não é, pois, o equivalente marxista do erro, da ilusão ou da ignorância. Essa categoria designa o espaço da luta “eterna” entre duas tendências:

- a tendência idealista, que visa identificar o processo sem sujeito a um sujeito –cf. a saborosa acusação que Hegel dirige, em *La Science de la logique*, a Espinosa: “falta à Substância o princípio de Personalidade”!-, tendo como “fim” a unificação do real sob a forma de unificação do pensamento;

- a tendência materialista, que visa desfazer essa identificação, colocando o real (incluindo-se nele o pensamento que, sob uma forma específica, é, por ele, determinado) como um processo não-unificado, atravessado por desigualdades e por contradições. (Pêcheux, 1975/1988:275)

A partir dessa centralidade do conceito de Ideologia, Pêcheux (alinhado com os trabalhos de Althusser) vai diferenciar Ideologia em geral dos outros conceitos com os quais se articula na teoria do discurso.

³⁰ “Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação, pela qual a questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (por exemplo, no caso particular dos “rituais” ideológicos da leitura e da escritura), mas no interior da própria “tese central”, na figura da *interpelação*”. (Pêcheux, 1975/1988:153-4)

A Ideologia em geral, cuja realização não se dava, como vimos, nos aparelhos ideológicos de Estado – de modo que ela não poderia coincidir com uma formação ideológica historicamente concreta- não é também a ideologia dominante, enquanto resultado de conjunto, forma histórica concreta resultante das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social historicamente dada, o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas que nela funcionam. Em outros termos, enquanto “as ideologias têm uma história própria”, uma vez que elas têm uma existência histórica e concreta, a “Ideologia em geral não tem história”, na medida em que ela se caracteriza por “uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica, isto é, omni-histórica, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história [...] O conceito de Ideologia em geral aparece, assim, muito especificamente como o meio de designar, no interior do marxismo-leninismo, o fato de que as relações de produção são entre “homens”, no sentido de que não são relações entre coisas, máquinas, animais não-humanos ou anjos, nesse sentido e unicamente nele: isto é, sem introduzir simultânea, e sub-repticiamente, uma certa idéia de “o homem”, como antinatureza, transcendência, sujeito da história, negação da negação, etc.[...] Muito pelo contrário, o conceito de Ideologia em geral permite pensar “o homem” como “animal ideológico”. (Pêcheux, 1975/1988:151-2; grifos do autor)

Assim, da definição do homem como animal ideológico, Pêcheux deriva duas proposições:

- 1- Só há prática através de e sob *uma* ideologia;
- 2- Só há Ideologia pelo sujeito e para sujeitos. (op.cit:149)

Considerando que a constituição do sujeito do discurso se dá juntamente com a constituição do sentido no discurso e ambos os processos se articulam simultaneamente pela interpelação ideológica, Pêcheux conclui que:

“É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a

“transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados”. (op. cit.:160; grifos do autor)

Desta maneira, a questão do funcionamento ideológico da língua nos processos discursivos aparece enunciada e se constitui no alvo principal da reflexão desenvolvida no livro *Les Vérités de la Palice*. Por outro lado, as múltiplas análises que se sucederam à publicação do grande livro teórico de M. Pêcheux e que acompanharam as diversas reformulações da teoria e da metodologia de análise almejaram compreender e descrever como essas evidências eram produzidas pela linguagem em diferentes espaços institucionais/discursivos em conjunturas históricas determinadas. Carecemos de tempo nesta nossa apresentação para fazer o percurso das modificações sofridas pela teoria ao longo dos anos. Aqui nos interessa, simplesmente, observar as incidências e os deslocamentos produzidos na teoria a partir desse profícuo trabalho de análise que se seguiu a publicação dos livros de Pêcheux, especialmente de *Les Vérités de la Palice*. Guilhaumou & Maldidier (1979) apontam para algumas conseqüências que tocam diretamente nas questões que perseguimos neste texto, a saber, a questão do caráter complexo de certas realidades (sociedade, grupos sociais, transformação social, dominação, etc.) que constituem o objeto de conhecimento de disciplinas distintas (Sociologia, Filosofia, Lingüística, Psicologia, etc.) e a *natureza paradoxal* dos termos e conceitos (massas, história, classes, ideologias dominantes, ideologias dominadas, etc.) que as nomeiam e tentam descrevê-las.

“Numerosos estudos concretos se inscrevem nesta perspectiva e tentam fazer trabalhar os “ elementos conceptuais” em conjunturas históricas determinadas. Não é pura coincidência se o trabalho sobre os conceitos incide ao mesmo tempo sobre o Estado de transição do feudalismo ao capitalismo na França e sobre as “rupturas discursivas” (R: Robin) em diferentes momentos da transição (Guilhaumou & Maldidier, 1979: 17).

Implicitamente estes trabalhos iam à descoberta de diversas “espécies discursivas” de um “gênero ideológico” em processo de emergir: a ideologia burguesa dominante. [...

Porém,] paradoxalmente, a fusão dos funcionamentos descritos nuançava o esquematismo de uma teoria do discurso calcada sobre uma teoria das ideologias. Este esquematismo residia em uma concepção simplista da dominação da ideologia dominante. Lá onde queríamos encontrar os processos discursivos dominantes, efeitos da posse do poder de Estado por uma classe dominante, descrevíamos, de fato, as formações intrincadas, as formas complexas de busca, pela classe dominante e dirigente, do consenso em conjunturas determinadas. Desta maneira, estes trabalhos concretos desembocaram em uma exigência de reformulação. (op.cit.: 19)

Assim, do lado da teoria das ideologias, todo o problema consiste em pôr a trabalhar a categoria marxista de contradição, aquilo que se designa freqüentemente através da fórmula “o primado da contradição sobre a unidade dos contrários”(op.cit.:21)³¹

Fazendo trabalhar o conceito de contradição na análise e, conseqüentemente, na teoria, Pêcheux produz uma crítica das categorias materialistas que dão fundamento filosófico a teoria do discurso. Essa crítica se funda em uma revisão dos conceitos de ideologias dominantes e dominadas e da relação entre elas estabelecida, crítica que culmina na afirmação do caráter paradoxal destes conceitos. Isto obriga a repensar o funcionamento das práticas históricas de dominação ideológica e a revisar criticamente a descrição proposta até então pelas teorias marxistas. Diversos são os textos onde encontramos desenvolvida esta crítica, entre eles: “Remontémons de Foucault a Spinoza” (1980/1990); “Délimitations, retournements, déplacements” (1982/1990); “Ideology: fortress or paradoxical space” (1983a); “Ideologie – Festung oder paradoxer Raum? (1983b). Conforme Pêcheux, essas elaborações teóricas “podem ser

³¹ De fait de nombreuses études concrètes s’inscrivent dans cette perspective et tentent de faire travailler les « éléments conceptuels » dans des conjonctures historiques données. Ce n’est pas un hasard si le travail sur des concepts porte à la fois sur l’Etat de transition du féodalisme au capitalisme en France et sur les « ruptures discursives » (R.Robin) dans les différents moments de la transition. [...] Implicitement ces travaux allaient à la découverte de diverses « espèces discursives » d’un « genre idéologique » en train d’émerger : l’idéologie bourgeoise dominante. [...] Paradoxalement le foisonnement des fonctionnements décrits nuançait le schématisme d’une théorie du discours calquée sur une théorie des idéologies. Ce schématisme résidait dans une conception simpliste de la domination de l’idéologie dominante. Là où on voulait retrouver les processus discursifs dominants, effets de la détention du pouvoir d’Etat par une classe dominante, on décrivait de fait des formations intriquées, les formes complexes de recherche par la classe dominante et dirigeante du consensus dans des conjonctures données. Ainsi ces travaux concrets débouchent, eux aussi, sur une exigence de reformulation. [...] Ainsi, du côté de la théorie des idéologies tout le problème est celui de la mise en oeuvre de la

entendidas como tentativas (se bem-sucedidas ou não é uma outra questão!) de compreender algo do fato específico da ideologia, e, também, uma tentativa de “retificar” a noção de ideologia proletária no marxismo-leninismo com a esperança de se livrar da praga do estalinismo” (Pêcheux, 1983a:33; grifos nossos)³².

Assim, em “Ideology: fortress or paradoxical space” (Ideologia: fortificação ou espaço paradoxal -1983a), retomando o texto de sua autoria “Zu rebellieren und zu denken wagen” (Ousar rebelar-se e pensar) ainda inédito, Pêcheux afirma:

“O texto trata de conceber a resistência, a revolta e a tendência revolucionária dentro da ideologia como rupturas internas do processo de assujeitamento e de interpelação. A principal idéia aí defendida é que a ideologia dominante não é jamais dominante sem contradição; que não haverá jamais qualquer ritual ideológico sem falhas; e que estas múltiplas falhas são, de fato, o espaço para a constituição das ideologias dominadas. Estas não são nem um simples reflexo da ideologia dominante na ideologia dominada nem um germe independente sui generis. Desta maneira, as ideologias dominadas parecem estar atrapadas no paradoxo de uma ambigüidade que nunca pára de deslocá-las através da desregionalização: uma tendência desidentificadora das massas para o não- Estado.” (Pêcheux, 1983: 32; grifos do autor)³³

A mesma crítica aparece desenvolvida no texto “Remontémons de Foucault a Spinoza” (1980/1990):

O proletariado não pertence pois a um outro mundo que conteria como um germe independente sua própria ideologia, logo, uma essência ideológica certamente entravada, rejeitada, dominada, mas que estaria, contudo, pronta para

catégorie marxiste de contradiction, ce qu'on désigne souvent par la formule « l'unité des contraires sous le primat de la contradiction ».

³² The theoretical elaborations which I have just recalled can be understood as attempts (successful or not is another matter!) to comprehend something of the specific fact of ideology, as well as an attempt to “rectify” the notion of proletarian ideology, as within marxism-Leninism with the hope of getting rid of the plague of Stalinism.

³³ [The text] tries to conceive resistance, revolt and revolutionary tendency within ideology as *internal* ruptures to the processes of subjection and of interpellation. Its principle idea is that the dominating ideology is never dominating without contradiction that there never will exist *any* ideological ritual without slips and that these multiple slips are in fact the space for the constitution of *dominated* ideologies. These are neither a simple reflection of the dominating ideology on the part of the dominated classes, nor an independent germ *sui generis*.

surgir toda armada como Athena para dominar também, por sua vez, quando chegasse o dia. Trata-se de uma falsa concepção da ideologia dominada: não se trata na realidade de uma dominação externa constituída como a tampa burguesa sobre a marmitta das idéias revolucionárias, mas trata-se, sim, de uma dominação que se manifesta pela organização interna mesma da ideologia dominada. [...] Trata-se de pensar, então, a propósito da ideologia, a contradição de dois mundos em um só, pois conforme afirma Marx, “o novo nasce no antigo”, afirmação que foi reformulada por Lênin como “O Um se divide em dois” (op.cit: 257-258)³⁴.

O Traité des autorités théologique et politique de Espinosa mostra que o “axioma da identidade” não se aplica ao objeto ideologia; e toda a prática da luta de classes sobre o terreno da ideologia vem confirmar isto: uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela só existe sob a modalidade da divisão, ela só se realiza na contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários. (op.cit.:255)³⁵

A partir desta revisão e reformulação dos conceitos de *ideologias dominantes* e *ideologias dominadas* Pêcheux pôde desenvolver uma forte crítica teórica e, sobretudo, política, às correntes marxistas ortodoxas, alertando-as com aguda perspicácia (válida ainda hoje) sobre o fato de que as representações e práticas políticas à esquerda que insistem em estabelecer fronteiras bem definidas, em produzir a fortificação e encastelamento das posições ideológicas, em dividir o campo político-ideológico pela oposição polarizada de mundos paralelos, impedem não só compreender o funcionamento complexo das ideologias dominantes e dominadas no mundo contemporâneo, mas, e é este seu aspecto mais grave, inviabilizam uma prática política eficaz contra as formas voláteis mas eficientes de dominação ideológica do capitalismo desenvolvido.

³⁴ Le prolétariat n'appartient donc pas à un autre monde qui contiendrait comme un germe indépendant *sa propre idéologie*, donc une essence idéologique certes entravée, refoulée, dominée, mais qui serait néanmoins prête à sortir toute armée comme Athéna, et à dominer à son tour le jour venu. C'est là une fausse conception d'une domination externe constituant, si l'on peut dire, comme un couvercle bourgeois sur la marmite des idées révolutionnaires, mais aussi, et surtout, d'une domination interne, c'est-à-dire, une domination qui se manifeste par l'organisation interne elle-même de l'idéologie dominée. [...] Il s'agit donc de penser, à propos de l'idéologie, la *contradiction de deux mondes en un seul* puisque, selon le mot de Marx, « le nouveau naît dans l'ancien », ce que Lénine a reformulé en disant : « Un se divise en deux ».

³⁵ Le TTP montre que l' « axiome d'identité » ne s'applique pas à l'objet *idéologie* ; et toute la pratique de la lutte de classes sur le terrain de l'idéologie vient le confirmer : une idéologie est non identique à soi-même, elle n'existe que sous la modalité de la division, elle ne se réalise que dans la contradiction que organise en elle l'unité et la lutte des contraires.

Encontramos esse grito de alerta no texto *Ideologie- Festung oder paradoxer Raum?* (1983b)³⁶, onde Pêcheux afirma:

:

“Finalmente, esta metafísica marxista que continua considerando a classe trabalhadora como um objeto é cega para sua decomposição social, que a afeta principalmente nos países ocidentais, por meio de um processo combinado de fragilização do indivíduo (experiência de perder as raízes, da solidão, do vazio interior) e do Estado cuidando de seu bem-estar (Pêcheux, 1983:384; grifos do autor).

Os campos discursivos do capitalismo desenvolvido, por outro lado, principalmente aqueles que se desdobraram no âmbito de seu núcleo, “des-locaram” o discurso político: trabalha-se aqui sem fronteiras pré-estabelecidas, uma vez que esse trabalho diz respeito às fronteiras da própria língua, do significado dos enunciados, e da posição de sujeito, que se deixam inscrever aqui: esses campos onde “o mesmo está inscrito no outro” removem ininterruptamente os pontos discursivos de submissão/ assujeitamento ideológicos e os lugares, a partir dos quais é possível de enunciar a resistência, sem que a lógica dessa remoção possa jamais ser descrita em um sistema fechado... Não existe um “Jogo de todos os jogos”” (op.cit.:385)³⁷.

E aqui nos deparamos com a originalidade da proposta de M. Pêcheux e da articulação conceitual língua/discurso/ideologia/história/sujeito que ele propõe. Pela linguagem, pelo funcionamento da língua na história, pelas evidências produzidas pelo discurso, podemos apreender a natureza paradoxal dessas realidades complexas a partir das quais a Linguística, a Semântica, a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia constituem seus objetos de conhecimento. É também pelo discurso que podemos compreender os efeitos contraditórios e paradoxais dessas

³⁶ “Ideologia – fortificação ou espaço paradoxal?” (1983b). Agradeço a José Horta Nunes (UNESP- S.J. do Rio Preto) por ter me facilitado uma cópia do texto na sua versão original em alemão e a Cármen Bolognini Zink (UNICAMP) por me permitir aceder à tradução do texto antes de sua publicação neste volume.

³⁷ Schließlich ist diese marxistische Metaphysik, die weiterhin die Arbeiterklasse für ein *Objekt* hält, blind für deren gesellschaftliche auflösung, die sie gegenwärtig vor allem in den westlichen Ländern betrifft, über einen kombinierten Prozeß des Brüchigwerdens des Individuums (Erfahrungen der Entwurzelung, der Einsamkeit, der inneren Leere) und der wohlfahrtsstaatlichen Bemutterung. [...]

Die diskursiven Räume des entwickelten Kapitalismus dagegen, vor allem die in seinem Kernbereich sich entfaltenden, «ent-orten» den politischen Diskurs: das Schillernde arbeitet hier ohne vorbestimmte Grenzen, da diese Arbeit die Grenzen der Sprache selbst betrifft, des Sinns der Aussagen und der Subjektpositionen, die sich hier einschreiben lassen: diese Räume, wo “das Selbst im anderen gefaßt ist”, verschieben unablässig die diskursiven Punkte ideologischer

evidências nos processos de identificação/subjetivação político-ideológica. É, enfim, atentando para o funcionamento primordial da linguagem na luta ideológica que podemos trabalhar teórica e politicamente formas diversas de resistência:

“A luta ideológica não tem nada a ver com o chamado malentendido semântico que daria lugar a problemas de lacunas que poderiam desaparecer sob a luz da formulação de uma semântica universal. No terreno da linguagem, a luta ideológica de classes é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e frases, uma luta vital para cada uma das classes que se confrontam ao longo da história até o presente”.(Pêcheux, 1978:266)³⁸

Neste sentido, Pêcheux propõe considerar as lutas de deslocamento ideológico que intervêm na reprodução/transformação das relações de classe, sem se inscrever na lógica da fortificação ou oposição estável de posições prévias.

“Trata-se, portanto, de uma série de choques que questionam a definição e fronteira do “discurso político”, na medida em que se baseia nos processos através dos quais o domínio/exploração capitalista se reproduz (no campo da sexualidade, da vida privada, do ambiente, da educação, etc....) adaptando-se, transformando-se, reorganizando-se. Pois “reprodução” nunca significou “repetição do mesmo”. As proposições de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, que procuram dar continuidade a determinadas colocações de Gramsci a respeito do conceito de hegemonia e da proximidade invisível do Estado no cotidiano, constituem uma ajuda valiosa nessa direção, se elas forem interpretadas de tal forma que os processos de reprodução ideológica (que produzem a evidência do sentido, na qual o sujeito se constitui como sujeito pleno de sentido, origem de si mesmo, de seu pensamento, gestos e palavras) sejam também considerados como lugar de resistência múltipla. Lugar onde surge constantemente o imprevisível, porque cada ritual

Unterwerfung/Subjektion und die Orte, von denen aus Widerstand sich aussagen läßt, ohne daß die Logik dieser Verschiebungen jemals in einem geschlossenen System beschrieben werden könnte...Es gibt kein “Spiel aller Spiele”.

³⁸ Thus the ideological struggle has nothing whatever to do with so-called semantic misunderstanding giving rise to vacuous problems which will disappear in the light of the formulation of an universal semantics. On the terrain of language, the ideological class struggle is a struggle for the sense of words, expressions and utterances, a vital struggle for each of the two opposing classes which have confronted each other throughout history, right up to the present.

ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções”. (Pêcheux, 1983b:383)³⁹

São essas múltiplas lutas de deslocamento ideológico, pequenas e instáveis, mas nunca insignificantes na sua originalidade, que é necessário compreender se se quer entender o funcionamento da sociedade e da história, que não são nem uma “justaposição caótica nem uma integração orgânica” de sujeitos. Pêcheux chama nossa atenção para este aspecto, também no seu texto “O Discurso – Estrutura ou Acontecimento” (1983/1990):

Não há identificação plenamente bem sucedida. i.e., ligação sócio-histórica que não seja afetada de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo- i.e. no caso, por um erro de pessoa, i.e. sobre o outro, objeto da identificação. [...] É mesmo talvez uma das razões que fazem que exista algo como sociedade e história, e não apenas uma justaposição caótica (ou uma integração supra-orgânica perfeita) de animais humanos em interação...(op.cit.:57; grifos do autor)

Podemos assim voltar às frases que retivemos das resenhas aparecidas na época da publicação de *Les Vérités de la Palice*. Nelas podemos verificar o equívoco constitutivo das posições contra as quais Pêcheux desenvolveu ao longo de sua vida uma crítica teórica e política feroz, a saber, a definição da sociedade e da história como:

- uma coisa, um mecanismo, uma máquina que pode funcionar mal e que portanto precisa de controle, monitorio e reparação; ou como

³⁹ Die Rede ist also von einer Reihe von Zusammenstößen, die Definiton und Grenzen des “politischen Diskurses” in Frage stellen, indem sie sich auf die Prozesse beziehen, durch die (auf dem Gebiet der Sexualität, des Privatlebens, der Umwelt, der Erziehung, usw.) die kapitalistische Herrschaft/Ausbeutung sich reproduziert, indem sie sich anpaßt, verwandelt, reorganisiert. Denn “Reproduktion” hieß nie “Wiederholung des Gleichen”. Althusser Aussagen über die ideologischen Staatsapparate, die Bestimmte Einsichten Gramscis zum Begriff der Hegemonie und sur unsichtbaren Nähe des Staats im Alltag weiterzuführen versuchen, bilden eine wertvolle Hilfe in dieser Richtung, wenn man sie so interpretiert, daß die ideologischen Reproduktionsprozesse (die Sinn-Evidenzen hervorbringen, welche das Subjekt als Sinn-volles Subjekt, Ursache seiner selbst, seiner Gedanken, Gesten und Worte konstituieren) *auch* als Orte *vielfältiger Widerstände* gefaßt werden, wo unaufhörlich Unvorhergesehenes auftaucht, weil jedes ideologische Ritual fortwährend sich an Verwerfungen und Fehlesistungen aller Art stößt, welche die Ewigkeit der Reproduktion brechen.

- um agente animado, considerado como um projeto articulado em comum a partir de tomadas de decisão consensuais; a idéia de uma comunidade de interesses ou de uma racionalidade do agir coletivo.

Contra essas posições, Pêcheux defende a natureza paradoxal dessas realidades complexas e da singularidade das lutas que as atravessam:

“A singularidade dessas lutas de deslocamento ideológico que ocorrem nos mais diversos movimentos populares consiste na apreensão de objetos (constantemente contraditórios e ambíguos) paradoxais, que são, simultaneamente, idênticos em si mesmos e se comportam antagonicamente em relação a si mesmos [...] Esses objetos paradoxais (com o nome de Povo, Direito, Trabalho, Gênero, Vida, Ciência, Natureza, Paz, Liberdade) funcionam em relações de força móveis, em transformações confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis.” (op.cit.: 383)⁴⁰

É no seio destes paradoxos, na materialidade ideológica destes nomes, que a semântica toca na política, indefectivelmente. Fato ao qual aponta Pêcheux quando, na página 30 de *Les Vérités de la Palice* (1975/1988), destaca os efeitos gaguejantes que esses objetos/sujeitos (*as massas, a vontade do povo, a França*) produzem nas máquinas semânticas e informáticas de classificar. Então, Pêcheux escreve concluindo: *Os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente.*

Com essa metáfora quero terminar este meu texto. Lembrando dos milhares de sujeitos ardidos pelo sol, pela sede, pela fome, pela guerra, pela indiferença; e lembrando, também, dos outros tantos que ensaiam formas várias de resistência na rua, no campo, na selva, e fazem arder as máquinas de classificar que se esforçam sempre renovadas em prendê-los, enquadrá-los, esmagá-los nas identidades previsíveis do discurso administrativo, do direito, do

⁴⁰ Die Eigenart dieser ideologischen Bewegungskämpfe, die sich durch die verschiedenen Volksbewegungen hindurchziehen, besteht im Verweis auf paradoxe (ständig widersprüchliche und zweideutige) Objekte, die zugleich identisch mit sich sind *und* sich antagonistisch zu sich selbst verhalten. [...] Solche paradoxen Objekte (unter Bezeichnungen wie Volk, Recht, Arbeit, Geschlecht, Leben, Wissenschaft, Natur, Frieden, Freiheit...) funktionieren in beweglichen Kräfteverhältnissen, verwirrenden Wendungen, die zu ungemain unstabilen Übereinstimmungen und Gegensätzen führen.

consenso, do jogo democrático, das liberdades individuais, do livre mercado, da guerra preventiva, da produtividade acadêmica.

E é lembrando de e querendo compreender esses sujeitos teimosos, ensimesmados e ardentes, que resistem coletivamente ao rolo compressor das identificações individualistas e universalizantes que fazem do sujeito mero suporte biológico de deveres e direitos, que defendo e desejo, nos frios espaços do academicismo universitário, alguns poucos sujeitos ardentes, que levando aos extremos as questões imperdoáveis, nos sacudam, como Michel Pêcheux, com seus textos malditos.

BIBLIOGRAFIA

COUSINS, Mark & Athar HUSSAIN. The question of ideology : Althusser, Pêcheux and Foucault. In: J. LAW (org) *Power, Action and Belief. A New Sociology of Knowledge?* London, Boston, Routledge & Kegan Paul, 1986.

FAYE, Jean P. *Langages totalitaires*. Paris, Hermann, 1972.

FRANÇOIS, Frédéric. Compte-rendu. Michel Pêcheux. «Les Vérités de la Palice». *Journal de Psychologie normale et pathologique*. Ano 73, p.490-491. Paris, 1976.

FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Trad. De Paulo Alcoforado. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.

GABAUDE, Jean M. Compte-rendu. Michel Pêcheux. «Les Vérités de la Palice». *Revue Philosophique de Louvain*, vol. 78, núm. 37, p.159-160. Louvain-la Neuve, fevereiro 1980.

GUILHAUMOU, Jacques. & D. MALDIDIER. Courte critique pour une longue histoire. L'analyse du discours ou les (mal) leurres de l'analogie. *Dialectiques*. Núm. 26. p. 7-23. Paris, 1979.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F. & M.C. CAMPO, orgs. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 2000. p.70-81

MALDIDIER, Denise. "(Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui". In : *L'inquietude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990. Trad. de Eni Orlandi. *A inquietação do discurso*. Campinas, Pontes, 2003.

MARCELLESI, J.B. & B. GARDIN. *Introduction à la sociolinguistique : la linguistique sociale*. Paris, Hachette, 1974.

MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. *A impostura da letra: escrita e subjetivação na transição dos assujeitamentos*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2001.

ORLANDI, Eni P. de. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 1999.

----- . *Discurso e Texto. Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Les Vérités de la Palice. Linguistique, Semantique, Philosophie*. 1ª ed. Paris, Maspéro, 1975. Trad. Eni P. de Orlandi et alii. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.

----- . Are the Masses an inanimate Object ? In : D. SANKOFF (org.) *Linguistic Variation*. Nova York, Academic Press, 1978.

----- . Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français. *Recherche de psychologie sociale*, núm 3, p. 97-102. Paris, 1981.

Publicado em D. MALDIDIER. *L'inquietude du discours*. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

----- . Délimitations, retournements, déplacements. *L'Homme et la Société*, núm. 63-64. p.53-69. Paris, 1982. Trad. José H. Nunes. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Núm. 19, p. 7-24. Campinas, Departamento de Lingüística, IEL/UNICAMP, 1991.

----- . Le discours: structure ou événement?(1983) *In*: D. MALDIDIER *L'inquietude du discours*. Paris, Ed. des Cendres, 1990. Trad: Eni P. de Orlandi. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento* Campinas: Pontes, 1990.

----- . Ideology : Fortress or Paradoxical Space. *Das Argument*, núm especial 84 *Rethinking Ideology*. p.31-35. Berlin, 1983a

----- . Ideologie – Festung oder paradoxer Raum? *Das Argument*, núm 139, p. 379-387. Berlin, 1983b

REIX, André. Compte-rendu. Michel Pêcheux. «Les Vérités de la Palice». *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, núm 1, p.104-105. Paris, janeiro-março 1976.

ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. *In: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE ANÁLISE DO DISCURSO*, Porto Alegre, UFRGS, novembro 2003 (publicado neste volume)

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Um estranho no ninho: entre o jurídico e o político, o espaço público urbano. *RUA-Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, número especial. P. 53-65. Campinas, NUDECRI, 1999.

----- . Lugares de enunciação e discurso. *Leitura-Análise do Discurso. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística*. Núm. 23, Maceió, EDUFAL, p. 15-24, jan/jun 1999 (impresso em) 2002.

----- . Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*. Porto Alegre, 2003, no prelo.